



O CARAPUCERO.

PERIODICO SEMPRE MORAL E SOBERACIENSIS POLITICO.

Non servare modum nosti ame e cœ. — Parcere personis, dicere de vitis. | *Quem he dos vicios falar, não das pessoas.*
Marcelo (iv. 10. Epist. 55.)

A impunidade.

De quantos males pezão sobre o nosso Brazil nenhum em meu humilde pensar he tão lastimoso, e concideravel, como a impunidade. Entre nós já não há nem vislumbres de medo em cometter os maiores crimes : os assassinos parece, que são empregados por engajamento, que estão assoldados para exercer a toda hora o seu horrivel mister, e em consequencia já não esperão as trevas, e calada da noite ; no mais alto do dia, no meio das ruas embebem o punhal, ou disparão o bacamarte no coração da sua victima !!! E ainda se diz, que somos hum Povo civilisado, e livre ? Ainda se apregoa o provenientes, de falsos princi-

progresso das nossas luzes ? Como pode dar-se Liberdade onde falta a segurança pessoal, base de todos os gozos, de todas as garantias ? Quem há nesta Província, que possa julgar a sua vida sobranceira ás ciladas de hum rival, de hum inimigo, que a todo o momento lh'a pode mandar arrancar á custa de meia duzia de patações ? Quem não pasma de ver a facilidade, e desfastio, com que entre nós se perpetra o horrendo crime do homicidio ?

Varias cauzas, a meu ver, tem concorrido para tão espan-tosa relaxação : mas só tractarei das principaes, que vem a ser, a depravação dos costumes,

pios, e a frouxeza das nossas leis penas. He inegavel, que no Brazil geralmente fallando, sempre foi deixada, e mal dirigida a educação das famílias, já pela falta de instrução publica, já pela peste da escravaria, que s'introduzio em o nosso Paiz. Em quanto o Povo conservava os principios da crença Religiosa, ainda que mesclados de extravagantes superstiçãoes, deixava-se levar do temor de Deos, das penas do inferno, &, e certos crimes horrorosos erão com effeito muito mais rares, e por isso quando apparecção de annos a annos causavão hum espanto geral: mas ao depois que os livros impios atravessarão o Atlântico, ao depois que muitos entrarão a ler obras, alias de estilo seductor, em que se mette a ridiculo a salutar idéa da imortalidade d'alma, obras, em que lisonjeando as paixões, se pintão graciosamente como quimericas as penas eternas da outra vida, e contos, e novelas, em que se pretende destruir o tipo de todos os principios de ordem social, quero dizer; a grande e saluberrima idéa da existencia de hum Deus remunerador da virtude, e castigador do vicio, ao depois finalmente que huma praga de livros, falsamente chamados filozoficos, e derramados por todo o Brazil inoculárao o veneno do egoísmo, reduzindo tudo a os interesses da vida presente, e taxando de illusões vulgares, e d'imposturas Sacerdotaes os dogmas salvadores da vida eterna; a nossa moral perdeu os verdadeiros ali-

cereos; as paixões soltas, e desempeçadas usurparão o terreno, que ocupavão os sentimentos Religiosos, e os vicios, e crimes por consequencia á maneira de hum açude transbordado de seus diques, tem ext-ndido os seus extragos de todas as partes.

As leis penas bem podião pôr algum estorvo á torrente dos crimes, mas o nosso Código, como se fôra feito para se executar em hum Povo eminentemente morigerado, mitigou todas as penas, e dest'arte parece, que acorçoou o pendor quasi geral de cometter os delitos. Hum Paiz, onde nunca se enxará seriamente na cultura moral, hum Paiz corrompido sem nunca ter sido civilizado saltou repentinamente das penas da Ordenação do Livro 5.º ás do Código, que actualmente nos rege. Antigamente bastava, que o individuo fosse apanhado com huma faca de ponta para ser degradado por 5 annos para as costas d'Africa; hoje (graças ao progresso, que nos trouxe o Código) o mesmo crime, sempre, e mui facilmente afiançavel, manda o citado código, que seja punido com 15 a 60 dias de prizão, e multa correspondente á metade do tempo!

Já ouvi sustentar, que melhor seria riscar da classe dos crimes o trazer amas, seja de que natureza for, com tanto que se não lance mão dellas para offendê a outrem, como se pratica em os Estados Unidos d'America. Mas com o devido respeito não posso abraçar tal opinião, primeiramente por que querer equipára o Povo do Brazil com o d'aqueles Paizes he huma verdadeira Utopia; em segundo lugar estou firme na maxima geralmente recomendada por todos os Criminalistas -- que he sempre melhor previnir os crimes, do que deixar, que se elles cometão para ao depois os punir -- Além disto a occasião (como diz o antigo protoquio) he que faz o ladrão,

Huma grande parte dos homicídios são cometidos; por que os récs andavão armados; que se não trouxessem armas, serião muito provavelmente mais reportados, e não se deitando a valentes, deixarião de perpetrar a morte, ou de a sofrer. Por esta parte não me agrada o regimēn Americano; e não entendo, que por lá se não cometem homicídios; por que trazem todas as armas, que querem; se não, que se não cometem á pezor dessa permissão, o que bem prova a morigeracão desses Povos.

Ainda há causa pior, do que a blandura das nossas leis penais, que vem a ser; a falta de execução dessas mesmas penas. Tal he a nossa imortalidade, que o homem assassino de profissão, e inveteradamente perverso, o homem, que em qual quer paiz civilizado seria objecto de horror, e execução publica, o homem, que por seus crimes não acharia guarida em parte alguma, encontra no meio de nós padrinhos, e protectores, e se chega a ser accusado perante o Jury, mui facilmente he absolvido; por que não falta quem s'empenhe em seu favor. Que sympathy para com o crime! Quantas famílias honestas vivem na mais dolorosa indigencia, sem acharem quem delas se compadeça! Mas hum malvado, que cobrou a infame nomeada de assassino destro, e expedito, esse tem quem o accolha, esse tem quem o defende, e gaste dinheiros pira o livrar. Ora em verdade se nós já não cremos em Deos, se julgamos hum sonho as estreitas contas, que deverá tomar-nos além desta vida, se já nem acreditamos em sian na immortalidade da nos'alma, não admira, antes he muito natural, que nos entreguemos desenfreadamente ás nossas paixões, e que nenhum eserupulo nos prenda a mão assassina, quando o odio, a vingança nos dominão o coração.

Por outra parte as mais bellas, que solidas theorias de Beccaria, Carlos Luess, Roussy, &c. á cerca da pena de morte, theorias mui gabadas por inumeros Periodicos do nosso Brazil, tem-nos feito mais mal, do que se pena, tanto assim que he causa mui ordinaria ouvir por ahi até a pessoas justas, que já ningum está sujeito á pena ultima; por que está assentado, que a Sociedade não tem direito para impor tal pena. Eu já li, e com reflexões todas essas obras, e muito respeito as filantropicas intenções de seus illustres Autores; mas concluso de tal, que elles dizem, que ou a Sociedad pode em certos casos tirar a vida a aquelle de seus membros, que a perturba, e offende gravemente, ou que se não lhe cabe este direito, tambem o não tem para impor pena alguma.

Bem desejára, que os homens fossem todos taes, que nunca houvesse a dura necessidade de effeituar-se a pena ultima: mas devemos considerar os homens (diz Benjamin-Constant) como elles realmente são, e as cousas, como devérão ser, e n'o vice versa. O que seria dos cidadãos honestos, e pacíficos, se iluminada fosse do nosso Código a pena de morte? Quant mais poderia habitar no Brazil, se os assassinos soubessem, que nunca terião de sofrer a pena ultima? Desengane-nos, que a prisão com trabalho, as casas de correção, &c. são penas, que podem produzir saudavel effeito no homem, que ainda guarda em seu coração sementes de recipicencia; mas que são inefficazes, são improveitosa para o assassino de profissão, cuja alma perversa já não he impressiōavel ao aguilhão do remorso. Para tal tigre só a pena de morte, por meio da qual livrā-se a Sociedade, não de hum homem, ainda susceptivel de correção, e emenda, porem sim de huma.

sera sanguinolenta, e indomavel.

Se algum dia os nossos costumes se tornarem tão puros, e perfeitos, que os homens saibão respeitar reciprocamente os seus direitos, e cumprir os seus deveres, se em algum tempo os mais poderosos se horrorizarem de assalariar sicarios para satisfazer as suas vinganças, se apparecer huma epocha, em que o homicidio premeditado seja objecto da indignação, e horror universal; então eu direi, que deve ser riscada do Código Penal a pena ultima.

Parece, que estas verdades começão a calar no animo dos Cidadãos sisudos, e bem intencionados; pois na ultima sessão do Jury nesta Capital já forão condenados ao suplicio alguns réos convencidos de assassinios. Em verdade he preciso, que todos os homens honestos, e cordatos conspirem unanimemente em perseguit os malvados, sob pena de vivermos sujeitos a seus perversos caprichos, e de irmos sendo victimas de seus sempre aguçados punhais. O homem, que de sangue frio está constantemente disposto a prestar o braco assassino a quem lhe pague para tirar a vida a outrem, nunca o offende, e a quem muitas vezes nem bem conhece, he hum monstro, que não deve viver no meio dos homens.

Reservemos a nossa compaixão para a orfandade desamparada, para a pobreza desvalida, e ainda para as fragilidades humanas; mas olhemos sempre com indignação para o malvado, que faz vida de sicario, e se assoldada para matar ao seu semelhante, persigamo-lo com todo o rigor da justiça de sorte que venha elle a encontrar em cada Cidadão honrado, não hum padrinho, mas hum acusador, não hum advogado, mas hum perseguidor.

Concluirei este meu discurso com as seguintes Maximas de hum respeitável Criminalista.

„ Com Leis fracas nunca haverá Tribunais fortes, e os mesmos Tribunais serão sempre mais fracos, que as Leis. „

„ Em qual quer Estado he preciso punir mais, do que recompensar pela mesma razão de que em huma marcha militar são reprehendidos os que deixão as fileiras, e nada se diz a os que nellas caminhão. „

„ Se a Sociedade não tivesse o poder de impor a hum assassino a pena capital, a natureza teria recusado ao homem a força fizica de dar a morte ao seu semelhante.

„ Deos maldita ao homem, que perde; mas prescreve à Sociedade, que puna.

— C O M M U N I C A —